

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**KALIANDRA RODRIGUES DE JESUS**

**O HOMEM NA PERSPECTIVA DE REICH: de Jesus à sociedade de seu tempo**

**PATOS DE MINAS  
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**KALIANDRA RODRIGUES DE JESUS**

**O HOMEM NA PERSPECTIVA DE REICH: de Jesus à sociedade de seu tempo**

Resenha apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo  
Ferreira

**PATOS DE MINAS**

**2018**

FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
Curso Bacharelado em Psicologia

**KALIANDRA RODRIGUES DE JESUS**

**O HOMEM NA PERSPECTIVA DE REICH: de Jesus à sociedade de seu tempo**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em:

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira  
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Isabel Cristina de Oliveira  
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Profa. Ma. Contance Rezende Bonvicini  
Faculdade Patos de Minas

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Clever, a minha mãe Evercina e ao meus irmãos Clever Junior e Victor Hugo.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta fase da minha vida é muito especial e não posso deixar de agradecer a Deus por toda força, ânimo e coragem que me ofereceu para ter alcançado minha meta.

À faculdade, minha gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

Aos professores, reconheço o esforço gigantesco, a paciência e a sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias.

É claro que não posso esquecer da minha família, namorado e amigos, porque foram eles que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades.

A todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram, eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem elas nada teria sido possível.

*Tudo o que representa posição social, título ou prestígio defende as exigências sociológicas em detrimento das exigências naturais.*

Wilhelm Reic

## **O HOMEM NA PERSPECTIVA DE REICH: de Jesus à sociedade de seu tempo**

Reich, W. (1983). *O Assassinato de Cristo*. Publicações Dom Quixote. Lisboa.

Por: Kaliandra Rodrigues de Jesus<sup>1</sup>

Leonardo Carrijo Ferreira<sup>2</sup>

### **CRENCIAIS DE AUTORIA**

Wilhelm Reich foi um renomado psiquiatra e psicanalista, discípulo de Freud, responsável por criar uma abordagem terapêutica que considera os processos orgânicos e energéticos do corpo humano, conhecida como “Psicoterapia Reichiana”. Nascido em 24 de março de 1897 em Dobzau, na Ucrânia, morreu em 1985 em 3 de novembro nos Estados Unidos. Ingressou na carreira política e escreveu vários livros sobre teorias que elaborou em diversas áreas como psicologia, psicanálise, biologia, sociologia, educação, química, física, sexologia e filosofia. Comprometido com as questões humanas, suas principais obras conhecidas são: *La Irupcion de La Moral Sexual*; *Combate Sexual da Juventude*; *A Revolução Sexual*; *Psicologia de Massas do Fascismo*; *People in Trouble*; *Escuta, Zé Ninguém!* e *O Assassinato de Cristo*.

### **1 APRESENTAÇÃO DA OBRA**

Na obra “O assassinato de Cristo” o autor se propõe a apresentar os problemas sociais e emocionais da humanidade, os denomina de praga emocional do homem, relacionando a vida e morte de Cristo com a imposição de uma espécie de castração imposta pela sociedade. O livro é dividido em dezoito capítulos, quais

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas. E-mail: kaliandra08@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do PGPSI/FPM, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: p.i.i.h@hotmail.com

sejam: I. A armadilha; II. O reino dos céus na terra; III. O abraço genital; IV. A sedução para liderança; V. A mistificação de Cristo. VI. O grande abismo – O imobilismo do homem; VII. A marcha sobre Jerusalém; VIII. Judas Iscariotes; IX. Paulo de Tarso – Corpo versus carne; X. Protegendo os assassinos de Cristo; XI. Mocenigo – O assassinato de Cristo em Giordano Bruno; XII. Em direção ao Gólgota; XIII. Os discípulos dormem; XIV. Getsémani; XV. A flagelação; XVI. Tu o dizes; XVII. A chama silenciosa – O povo quer Barrabás; e XVIII. Crucificação e ressurreição.

No Capítulo I, “A armadilha”, inicialmente Reich questiona porque o homem nasce livre e vive como escravo. Algo errado impede o homem de se conhecer e nem os grandes pensadores conseguiram preencher essa lacuna. Para escapar dessa armadilha, o homem precisa primeiro ter ciência de que se encontra em uma prisão, cuja armadilha é a sua própria estrutura de caráter. Faz uma analogia onde embora à saída seja visível, os prisioneiros não se movem em direção a ela e consideram aquele que o faz louco. Viver no fundo de uma caverna escura faz com que se deteste a luz do sol. Mas, na prisão, não há espaço para pensamento e ação, os movimentos eliminam o sentido da plenitude do viver, gerando o ódio à vida. Este último, foi responsável pelo assassinato de Cristo que foi vítima do carácter humano ao mostrar comportamentos que representavam o princípio da vida em si que contrariou todo sistema vigente. A Bíblia conta a história da luta do homem contra o pecado do homem desde que se viu preso pela primeira vez. Os prisioneiros, perdidos em seus sonhos e trabalhos se afastaram da vida de Deus, criando um terreno propício ao pecado da humanidade e a maldição do Jardim do Éden, onde a vida de Deus nasce com as crianças da prisão, mas é extinta pelos prisioneiros que ficavam apavorados ao perceber a vida simples, viva, decente, ingênua, perpetuando assim seu próprio cativeiro.

No Capítulo II, “O reino dos céus na terra”, Reich explica que Cristo ensinou que o Reino dos Céus está no homem, mas ele não compreende aquilo que não satisfaz as suas aspirações místicas e se priva de sua própria natureza. Nutre o ódio à vida e vive solitário, abandonado no meio da multidão, temendo uns dos outros e representando uma comédia, com medo de se degolarem. O homem que vive confinado num domínio estritamente humano é impedido de compreender a vida à sua volta e a desenvolver uma sociedade de acordo com um saber que ultrapassa a biologia. O autor destaca que o núcleo bioenergético da vida se



exprime também na função do orgasmo, pois a convulsão involuntária de todo o organismo durante o ato sexual, faz com que se comuniquem as cargas bioenergéticas.

No Capítulo III, “O abraço genital”, Reich explica que o abraço genital é o prazer final da descarga total de energia no orgasmo, é o resultado da acumulação de prazeres menores. A excitação do organismo inteiro precede a excitação genital, uma vez que a realização do prazer total dos corpos não é somente a dos órgãos genitais, que são apenas instrumentos da penetração física. Não se pode ter um orgasmo com qualquer pessoa, embora qualquer um possa provocar uma descarga de líquido seminal. Em razão de sua capacidade para o contato, atitude compreensiva diante das fragilidades do homem, das mulheres adúlteras, dos pecadores, das prostitutas e dos pobres de espírito, bem como pelo seu amor pelas crianças, pessoas e natureza. Reich alega que Cristo conheceu o amor físico das mulheres, assim como conheceu outras coisas naturais, pois não poderia ter sentido à vida e agido com a graça que agiu, se tivesse sofrido de frustração genital. Para o autor, a religião baniou de sua esfera o funcionamento natural da vida e perseguiu o amor físico.

No Capítulo IV, “A sedução para a liderança”, Reich defende que Cristo é possuidor de uma harmonia do seu organismo, a fé e o poder que dela emana o mantem em contato com tudo a sua volta, ele possui toda força vital de Deus, e compreende toda natureza e a sente como seu corpo. O reino de Deus é o reino da vida e do amor sobre a terra. Os homens **carouçados** por suas estruturas de caráter e comportamento ficam presos não têm consciência da presença de Deus, logo, não sentem a vida. Afastam-se do amor de Deus para trocar riquezas, deleitar-se com a luxúria, enquanto veneram imperadores vaidosos que limitam a vida a uma ambição egoísta. Cristo não combate os imperadores, ele dá a César o que é de César, pois sabe que não pode se tornar imperador de César, no entanto, sabe que César será esquecido, ao passo que aquilo que Cristo sente no seu corpo um dia governará o mundo para o bem de todos os habitantes da Terra. Cristo dispensou a todos, palavras límpidas, a força irradiante do seu corpo, seus conselhos e compartilhou sua grande sabedoria.

Capítulo V, “A mistificação de Cristo”, Reich afirma que o assassinato de Cristo, que representava o amor divino no corpo, não ocorreu apenas uma vez, sucedeu sua aparição na história e prosseguiu depois de sua morte. Cristo mostrou

ao homem as virtudes da vida viva, mas seu esforço não foi exitoso, ao passo que o homem, além de não conseguir chegar ao seu próprio eu, fez de Cristo um símbolo do seu próprio mistério. Esse processo de mistificação que impede a compreensão, mas evidencia também o arrependimento pelo trágico erro, que o homem tenta compensar erguendo igrejas para glorificar Cristo. Toda celeuma em torno de Cristo visa esquecer seu assassinato, e isso mantém a vida viva longe, inacessível ao homem que não compreende suas palavras. O povo age de forma semelhante mistificando e idealizando seus líderes, essa é a causa da fealdade da política, da sua futilidade vazia e das guerras que provoca. Para Reich, a religião cristã poderia ter surgido simplesmente com base na sabedoria límpida transmitida por Cristo. Se sua transformação mística não tivesse ocorrido, os elementos da fé cristã seriam: amar o próximo; perdoar; compreender o outro; fazer o bem, adorar a Deus, que é vida.

No Capítulo VI, “O grande abismo”, Reich diz que Cristo não foi assassinado por ser bom ou mau, pois em qualquer situação e sob quaisquer condições sociais que ele tivesse vivido, teria sido morto da mesma forma. O mito de Cristo evidenciou a incompreensão do homem para com a vida pelas leis da energia vital cósmica. A imobilização do homem provocada pela sua couraça física e emocional faz com que a alma e o corpo do homem fiquem rígidos, fazendo com que os movimentos sejam penosos, uma vez que essa condição enfraquece o metabolismo energético e impede a excitação viva. O imobilismo é, para o homem civilizado, um “dom de Deus” que facilita as relações e a aceitação da rotina, sem preocupações sobre as questões da vida. Por sua natureza social, o homem não gosta de viver no isolamento. Cristo se recusava a ficar em casa, preferia passear pelo campo, era incapaz de se acomodar, amava o contato com as pessoas e por isso não caminhava sozinho, não tinha necessidade de discípulos submissos ou adutores. Extraia das pessoas o seu companheirismo, a camaradagem, a amizade e a intimidade e o amor que por sua vez, não preenche egos vazios.

No Capítulo VII, “A marcha sobre Jerusalém”, nos dizeres de Reich, a marcha sobre Jerusalém apaga a lembrança do modo de vida de Cristo, posto que ninguém compreende aquilo que ele disse, por nunca terem sentido a excitação da vida como ele. O homem deseja senti-la, mas não a deixa se desenvolver, pois embora a busque, sufocam o amor autêntico assim que se sentem tocar por ele. A marcha no dorso do burro deve ser esquecida, pois não é disso que se trata o

caminho de Cristo, que nunca desejou conquistar Jerusalém. Para Reich a energia vital cósmica será um dia descoberta e se postará a serviço do homem, transformando milênios de pensamento, preenchendo lacunas do conhecimento humano e revelando o significado de Deus, até então tornado inacessível. Após o contato com Cristo, muitas ideias se espalharão entre os homens, desenvolvendo-se e persistindo através dos tempos. Depois de ser pregado na cruz, a monstruosa noção de que o líder tinha que morrer para redimir os pecados da humanidade efervesceu. A morte de Cristo nada tem a ver com a sua missão ou a sua maneira de viver, mas expressa que as almas vazias não bebem os grandes pensamentos. O povo apenas age, não filosofa sobre suas razões; acusam tiranos, mas não o povo que o torna poderoso e, nesse cenário, o líder conservador se aproveita do imobilismo do povo. Nesse cenário a Igreja Católica se desenvolveu acreditando dominar o povo sem que este se desse conta, obrigando homens infelizes a procurar a duro custo o que abandonaram tão facilmente, entregando-lhes bifurcações e mistificando o caminho reto.

No Capítulo VIII, “Judas Iscariotes”, no entendimento de Reich, juízes e sábios de todas as nações, mesmo cientes do assassinato de Cristo, não o mencionam, a não ser em ocasiões especiais ou quando isso sirva a seus fins. Ao passo que o povo se mantém calado protegendo o traidor. Para o autor, há muitos Judas Iscariotes em todos os lugares e épocas da humanidade, descrevendo este, como seguidor, discípulo ardente, mas que em seu íntimo, não compreende seu mestre, compara-o a um saco vazio que espera ser cheio com algo que jamais poderia compartilhar, admirador do daquilo que nunca alcançará. Judas Iscariotes foi incapaz de compreender com seu mestre que deveria procurar sua alma, arrepender-se de mudar hábitos, lidar com pensamentos aflitivos e submeter-se a uma transformação interior. Judas acreditava que Cristo poderia lhe oferecer isso de maneira mais fácil; bem como esperava, que por ser o filho do Deus de vingança e cólera que ele conhecia, Cristo teria poder de destruir os inimigos da honra nacional. Para o autor, Judas trai seu mestre para força-lo a provar ser o filho de Deus, acreditando que no fatídico momento de sua morte, ele faria um grande milagre, revelando-se.

No Capítulo IX, “Paulo de Tarso”, Reich entende que o filho de Deus viveu com pecadores, prostitutas e taberneiros, por saber que a vida mostra migalhas de alegria em cavernas escondidas. Mas, algumas pessoas são impiedosas para com

os taberneiros, pecadores e as prostitutas. Fizeram do verdadeiro amor de Deus um pecado grave e se mantiveram por dois mil anos instalados nas catedrais de Paulo, proibindo que a doçura do amor de Deus seja sentida antes do matrimônio. Os caminhos de Cristo fornecem as sementes para uma religião por todas as espécies de amor. Por vezes, os narradores da história de Cristo colocaram em sua boca coisas que ele não disse, não é compreensível que Cristo tenha restringido o amor a um tipo de casamento que sequer existia à sua época. Paulo de Tarso, precursor da igreja de Cristo condenou a carne e passou a considerar a sexualidade como algo obscuro, depravado, impuro e não natural. Não se pode distinguir o divino do diabólico, pois o diabólico é apenas a perversão do divino, o que Paulo não foi capaz de entender, bem como ignorou que a frustração do amor natural leva o homem a doença mental. Paulo tentou separar o amor puro do pornográfico, frio e vazio, mas não considerou, que a pureza do amor não exclui os órgãos genitais dos homens e que a repressão do fluxo de amor perverte a sexualidade natural e a torna pervertida.

No Capítulo X, “Protegendo os assassinos de Cristo”, na visão de Reich, o assassinato de Cristo foi protegido ao longo do tempo pelo silêncio das multidões que conhecem a verdade, porque na organização social não existem leis que protejam o amor, a verdade e a opinião pública não obedece às exigências do povo para derrubar tudo aquilo que o oprime. A estrutura de caráter do homem o impede de compreender e estar consciente sem ser dominado pela angústia. Cristo morreu por causa da estrutura de caráter corrompida do homem, transmitida de geração em geração e as calúnias a seu respeito demorarão a ter fim, o homem precisará compreender que a verdade é uma arma contra tudo que lhes atormenta, para que prevaleçam os princípios cristãos (amar o próximo como ti mesmo, perdoai vossos inimigos) que regem todas as grandes ações do homem e ultrapassam os domínios da Igreja Cristã. Para o autor, o fim do recorrente assassinato de Cristo estaria próximo, mas será tarefa de gerações de educadores, psiquiatras, médicos e administradores tornar isso possível.

No Capítulo XI, “Mocenigo”, Reich compara o assassinato de Cristo com o de Giordano Bruno, para ele, almas vazias inclinam-se para o mal por sede de sensações fortes que às preenchem, e quando praticam o mal, escolhem vítimas como Giordano Bruno, que redescobriu Cristo no Universo, falando do Amor de Deus em termos astrofísicos. Bruno acreditava em uma alma universal que animava

o mundo, Deus. Por descobrir esse caminho que levava ao conhecimento de Deus, Bruno também foi morto, levado à fogueira pelos herdeiros de Cristo em nome do amor de Deus. O assassino de Giordano Bruno era um nobre chamado Giovanni Mocenigo, nome sem a mínima relevância, ninguém ouviu falar dele a não ser pelo assassinato que ocorreu porque Mocenigo sabia que Bruno era rico de uma riqueza diferente e não tolera que haja alguém que possua tamanho conhecimento, capaz de num futuro incerto estabelecer a paz entre os homens.

No Capítulo XII, “Em Direção ao Gólgota”, Reich reflete que Cristo foi crucificado por surgir como um vulgar insurgente contra o governo instituído, por ter provocado os escribas, ele deveria ter ficado quieto e deixado as almas humanas em paz, inseridas eternamente em seu imobilismo. Existem muitas coisas simples neste mundo, cujo entendimento requer apenas um algum discernimento. O sofrimento que a frustração genital gera no adolescente é uma delas. Todo adulto conhece essa infelicidade e travaram essa luta sem esperança. É preciso enxergar que a puberdade é o desenvolvimento da função genital e o preparativo para chegar a um abraço total. Se a humanidade não enfrenta esse problema, é devido a ele ser tragicamente racional; o homem prosseguirá evitando enquanto os bebês forem jugulados ao couraçamento do carácter, E, Reich enfatiza: “O homem couraçado é obrigado a assassinar Cristo para poder existir” (p.127).

No Capítulo XIII, “Os discípulos dormem”, Reich entende que a tragédia de Cristo é comovente por englobar a tragédia do homem por si mesmo. O homem encontra-se couraçado. As coisas apenas entram nele, quase nada sai dele. Se a vida se move ele a acompanha um pouco e novamente se imobiliza. Ele irá odiar a vida porque ela se move, e o deixa para trás. Quando imobilizado o homem não gosta de ser deixado para trás. O que ele quer é ser amado, cuidado e aquecido. O homem exige de Cristo todo tipo de conforto e espera pagar com toda a sua admiração. Caso venha a perder o conforto, a **peste emocional**, que desvia a atenção do homem não permitindo veja a vida com clareza, que começa se instalar dentro dele. Nenhum ódio se compara ao ódio nascido da sua frustração. Mas, o que os discípulos buscam é a inspiração e a energia do Mestre, que errara em lhes dar tudo e aceitar em troca a sua inútil admiração. A solidão de Cristo pareceria de início insuportável, já que ele ama os homens como eles são, apesar do abismo que o separa a sua forma de ser. O erro de Cristo foi aceitar o papel de Salvador do

gênero humano. O seu supremo sacrifício foi inútil, vez que nada mudou, eles prosseguiram a dormir.

No Capítulo XIV, “Getsémani”, Reich reafirma que a Peste Emocional ataca a sua vítima sem piedade, e tem apenas um interesse: matar a vítima justa ou injustamente. Eis o assassinato de Cristo, tanto atualmente como há mais de dois mil anos. A peste emocional deixa a sua vítima exposta ao julgamento de todos. Quando a peste emocional ataca, a justiça recua e a sentença de morte é proferida antes mesmo de investigar o crime. Ela irá acabar com a reputação da vítima e corromper os seus atos. O autor questiona quem nunca sonhou em viver um amor proibido ou criticar Deus pela injustiça sofrida, ou quem nunca acariciou os seus órgãos genitais ou idealizou um adultério. A vítima da peste imagina tudo isso, de um jeito ou de outro, cedo ou tarde, com ou sem o intuito de praticar o que imaginara em sonhos. Se a vítima apresentar uma face amável e uma expressão de tristeza no olhar, pode-se ter certeza de que outro Assassinato de Cristo se prepara.

No Capítulo XV, “A flagelação”, de acordo com Reich, o papel do povo é decisivo nos acontecimentos sociais, a miséria humana está nos fundamentos da própria sociedade, razão pela qual não se pode ignorar a responsabilidade do povo pelas calamidades sociais. O povo pediu milagres à Cristo, o conduziu até Jerusalém e o abandonou. A vida dada por Deus esbarra na peste cada vez que uma vida nasce e é obrigada a adaptar-se ao modo de vida do homem coraçado. A transposição metafísica ou mística dos seus sofrimentos leva a ideia de que Cristo não sofria por ser o filho de Deus e obscurecem sua agonia de ser perseguido e odiado por ter feito o bem ao próximo. A violência se opõe ao princípio do Amor, e desamparado pela bestialidade humana por ser incapaz de se defender usando as armas da peste, incompatíveis com as disposições do espírito da Vida, Cristo ficou a mercê de seu torturador. Cristo não escolheu ser mártir, se tornou contra a sua vontade, enfrentou seus inimigos abertamente e foi torturado para satisfazer os instintos sanguinários do público.

No Capítulo XVI, “Tu o dizeres”, Reich compreende que Cristo não podia fazer nada a não ser sofrer a morte cruel do mártir, pois o que quer que diga, não seria compreendido, o homem adaptava as palavras de Cristo à sua mentalidade e à sua forma de pensar. Suas palavras puras, sábias e verídicas, se transformaram em veneno quando propagadas pelas almas atacadas pela peste. O filho de Deus sabia ser admirado pela imagem que construíram dele de poderoso imperador dos pobres

e que os homens não eram capazes de aprender seu modo de ver, tentava ensinar que o amor de Deus estava presente nas almas dos pobres, dos pecadores, nas entranhas dos homens e das mulheres que conhecem o amor do corpo. Cristo nunca disse que se deveria amarrar ou bater nas mãos das crianças por se tocarem, ou que o prazer deva ser ausente quando homem e mulher se unem no Amor de Deus, nem mesmo que era preciso queimar as mulheres por terem sentido nos seus corpos. Tudo isso o homem disse, não Cristo.

No Capítulo XVII, “A chama silenciosa”, Reich afirma que o povo força os governantes a governar, embora Pilatos ordene a crucificação, é o povo que o força a fazê-lo. Pelo que se via Pilatos não acreditava que Cristo tinha a intenção de se insurgir contra o poder de César, mas agiu contra suas próprias convicções. Cristo percebia o abismo que o separava dos homens de sua época e mesmo sofrendo, aceitou tal condição. Não os detestava ou desprezava, apenas se deu conta da situação e guardou um silêncio solene e calmo, que despertou uma chama silenciosa em algumas testemunhas do ato que surgirá mais tarde, como uma força silenciosa dos desejosos de paz. Da chama silenciosa nascerá o amor da espiritualidade e uma opinião diferente sobre o valor relativo do corpo. A chama silenciosa não grita como a peste faz, ela se contenta em brilhar no silêncio do conhecimento e no sentir da Vida. Não importa se a chamam de fé, de crença ou de qualquer outra coisa, ela é a força natural da vida que jamais poderá ser destruída por ser a manifestação fundamental da energia propulsora do universo. Essa chama silenciosa atravessa cada objeto e regula cada movimento celular de cada ser vivo, está em tudo, é também a chama tranquila dos órgãos de amor. O mundo cristão nada sabe sobre a chama da Vida e fechou o acesso e o domínio a ela, sufocando essa luz em cada criança.

No Capítulo XVIII, “Crucificação e ressurreição”, Reich esclarece os admiradores ou discípulos de Cristo não estavam presentes perto da cruz, embora o evangelho diga que João tenha estado, o autor duvida desse fato e conta que as mulheres que conheciam Cristo estavam presentes no seu suplício, Maria de Cléofas, Maria Madalena, Joana, mulher de Chusa, Salomé o acompanharam até ao fim. Para o autor, essas mulheres haviam amado Cristo no corpo, embora não reste nenhum traço dessa evidência e que por tê-las amado em corpo em algum momento de sua vida na terra foi tão humilhado, pois o motivo oculto de tanta crueldade é a perseguição pelo crime do amor autêntico amor físico de Deus. Nos livros da Igreja

Cristã não se fala sobre sexualidade, exceto para proibir que os adolescentes se toquem, não podem ousar sentir os próprios corpos e acariciar os genitais, a igreja declarou que se tratava de um pecado. O ódio de corpos reprimidos e revoltados por não poderem sentir o fluxo da vida em seus membros e faz com que tornem o Amor de Deus uma coisa ilegítima, sem sabor e suja.

## **2 APRECIÇÃO DA OBRA**

Apesar da obra ser rica em ensinamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos, a sua leitura é densa e de difícil entendimento, possui várias palavras que não estão presentes em um vocabulário popular, que emprega termos cultos da época, já não muito utilizados, o que exige um conhecimento histórico e um raciocínio nem sempre linear, bem como uma visão aberta a respeito de assuntos religiosos. Para extrair conhecimento dessa obra é necessário tempo e concentração, e se necessário à releitura do texto. Se assim for feito, cada leitor extrairá o conhecimento a partir da visão que tem de si mesmo, pois está permite interpretações projetivas.

O autor compara os homens da época de Cristo, com os homens da sociedade em que vivia. Ele acreditava que as mazelas humanas existiam porque o homem, após lhe ser dado o livre arbítrio, perdeu a capacidade de enxergar a Verdade da Vida. Cristo tentou ensinar ao homem a usar suas potencialidades energéticas através do amor a todas as coisas e a Vida, mas o homem não conseguiu compreender essa lógica, pois estava corrompido pelo imobilismo, e não poderia aceitar aquilo sem ir contra conceitos, comportamentos e normas impostas e ensinadas socialmente, o que desestruturaria todo seu sistema de organização social.

Reich critica o modo como a sociedade se organiza, uma vez que ela despreza aquilo que faz parte da natureza humana, e por desconhecimento e acomodação, o homem ignora sua própria essência de existir, se afastando do Amor de Deus e da Vida Viva. A obra é atemporal, uma vez que os problemas sociais da época de Cristo são fundamentalmente os mesmos até os dias atuais. Nota-se ainda, que hoje, a globalização e a difusão do capitalismo contribuem ainda mais



para constância da peste emocional do homem, uma vez que levam os indivíduos a preocupar-se principalmente em ocupar posições de poder e acumular riquezas materiais, sendo poucos os que se importam mais com o ser do que com o ter. Esse cenário contribui para uma qualidade de vida ruim, que ignora as demandas humanas e potencializa o surgimento de doenças psicossomáticas.

### **3 INDICAÇÃO DA OBRA**

Trata-se de uma obra de leitura densa, tanto em razão do período em que foi concebida, como pela técnica de escrita adotada pelo autor. O livro aborda questões sociológicas, filosóficas, teológicas, históricas, antropológicas e psicológicas, sendo indicado para profissionais e estudiosos de todas essas áreas, pois sua compreensão exige um nível de conhecimento prévio.

## ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

### **Autora Orientanda**

Nome completo: Kaliandra Rodrigues De Jesus

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220.

E-mail: kaliandra08@hotmail.com

### **Autor Orientador**

Nome completo: Me. Leonardo Carrijo Ferreira.

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220.

E-mail: p.i.i.h@hotmail.com

## DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 09 de Junho de 2018.

---

Kaliandra Rodrigues De Jesus

---

Leonardo Carrijo Ferreira



FACULDADE PATOS DE MINAS



### FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

### Curso de Graduação em Psicologia

Bacharelado (Formação de Psicólogo)

Portaria de Reconhecido MEC – DOU N°. 371 de 30 de Agosto de 2011.

*“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”*

*(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)*

Rua Major Gote, 1901 – Centro – Campus Shopping/ 2º andar – Patos de Minas – MG – CEP 38700-001. Contatos: Tel. (34)3818-2350. [www.faculdadepatosdeminas.com](http://www.faculdadepatosdeminas.com) / [cursopsicologia.fpm@hotmail.com](mailto:cursopsicologia.fpm@hotmail.com) / [secretariadpopsi.fpm@hotmail.com](mailto:secretariadpopsi.fpm@hotmail.com).